ENTREVISTA

OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA[1]

Denise Lino de Araújo

Entrevista concedia a Patrícia Silva Rosas de Araújo[*]
e Paulo Ricardo Ferreira Pereira[**]

Denise Lino de Araújo é professora associada da Unidade Acadêmica de Letras da UFCG, onde atua como docente na graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino. Tem formação em Linguística Aplicada, numa vertente mestiça e indisciplinar, construída no Pós-doutorado em Educação, feito no GECC FAE/UFMG, 2012-2013; no Doutorado em Educação, USP 2004; no Mestrado em LA, pela Unicamp, em 1995; na Especialização em LA pela PUC MG, em 1993, e na graduação em Letras/Português, pela UFPB em 1991. Seus trabalhos de ensino, pesquisa e extensão têm como foco o ensino de português como língua materna, em especial no Ensino Médio, a transposição didática, currículo, os objetos de ensino e a formação de professores de Português. Em função desses temas, orienta pesquisas de Mestrado e Doutorado. Idealizadora e coordenadora do Projeto de ensino ENEM na PALMA da MÃO. Membro do grupo de pesquisa Teorias da Linguagem e Ensino e do GT da ANPOLL Ensino e a Aprendizagem na Perspectiva da Linguística Aplicada. Atualmente é coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino – UFCG.

1 Qual a diferença entre o ensino remoto e a educação a distância? E o que vem sendo praticado pelas escolas nesse período de isolamento social?

> Esse tema é muito importante e eu acredito que o marco dessa nomenclatura - "ensino remoto" - foi a entrevista de Priscila Cruz, presidente da ONG Todos pela Educação, no Programa Roda Viva, dia 13 de abril de 2020. Como bem disse Priscila Cruz, a educação a distância já tem regulamentação no país há bastante tempo e ela se aplica ao ensino superior e à pós-graduação. E não são todas as carreiras que se adequam ou que aderiram à educação a distância. Esta envolve uma

[1] O *Projeto Desengaveta Meu Texto*, em parceria com Revista Leia Escola, entrevistou no dia 05 de maio de 2020, a Profa. Dra. Denise Lino de Araújo, através de uma *live* Essa entrevista é uma retextualização da *live* citada. Você pode conferir o áudio na íntegra através de *podcast*, acessando o site do Projeto www.desengavetameutexto.org

[*] Pós-Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG); Doutora em Linguística - PROLING/UFPB (2017), com Doutorado-Sanduíche na Universidade Federal de Buenos Aires/UBA, Argentina; Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande/UFCG (2010); Especialista em Língua Portuguesa (2009) e graduada em Letras (Português) pela Universidade Estadual da Paraíba/UEPB (2007); Professora da Educação Básica.

[**] Graduado em Letras-Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e formado pela instituição de ensino profissional SENAI. Atualmente, é mestrando do programa de pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), da UFCG. Foi aluno bolsista dos projetos PIBIC (PIBIC 2016-2017/CNPq/UFCG), PIVIC (2017-2018/CNPq/UFCG) e PIBIC (2018-2019/CNPq/UFCG), assim como professor voluntário de gramática e redação do Pré-Vestibular Solidário (PVS), da UFCG, no período de 2017 a 2018. Tem interesse em: letramento, currículo, formação de professor e ensino-aprendizagem de escrita.

CC BY

metodologia, uma sistematização, recursos tecnológicos, formação dos professores. Então, o que está acontecendo hoje nas escolas do país não é educação a distância. Nós estamos num momento absolutamente singular para o qual nem o Brasil, nem a China, nem os Estados Unidos tiveram tempo suficiente de se preparar. Assim, o que temos hoje é uma possibilidade em alguns estados, em alguns locais, de um ensino remoto que está substituindo temporariamente a educação presencial. O ensino remoto diz respeito a todos os recursos tecnológicos que podem ser utilizados como auxiliares da educação presencial. Na impossibilidade da educação presencial, os sistemas públicos e privados da educação no Brasil estão migrando para a educação remota como se esta substituísse totalmente a educação presencial. E a gente sabe que não substitui. Nesse momento, a principal função do ensino remoto é a função socializadora. É a função de manter os alunos conectados entre si, conectados com os professores, conectados com a escola, para que tenham um horizonte nesse momento de pandemia, pois sabemos da desesperança, da insegurança, da incerteza e da ansiedade que esse momento nos trouxe. Nesse momento, não é possível dizer que a educação remota tem substituído a educação presencial. Primeiro pelas condições emocionais que afetaram a todos nós. Segundo pela crise política que vem se arrastando no país antes da pandemia. Terceiro, pelas próprias limitações da educação que mostrou que não tem condições de sequer oferecer um ensino remoto eficaz, sobretudo para os alunos das classes trabalhadoras. Nós descobrimos, enquanto sociedade, que muita gente tem celular, mas não tem Internet. Às vezes têm um celular de boa qualidade e de última geração, porque ele é um instrumento de ostentação e de poder na sociedade, mas não têm Internet. Nesse contexto, o que nós estamos presenciando é uma solução tecnológica paliativa para manter os alunos conectados. Há uma tentativa no caso da educação pública de que os recursos tecnológicos sejam utilizados para repasse de conteúdo das disciplinas. No entanto, pelos primeiros relatos que coletamos, já dessas duas primeiras semanas de aula no nosso estado, percebemos que isso não vai dá certo. Seguindo com a distinção entre ensino remoto e educação a distância, vemos que esta tem regulamentação, tem um processo de aulas que são gravadas previamente, tem recursos de interação do professor ou daquele que faz o lugar do professor que é o tutor com aluno, há processos de interação assíncrona. Já no ensino remoto, nós estamos com muitas "gambiarras". Para mim, a "gambiarra" mais grave nesse processo, segundo relatos que recebo de professores da educação básica, do ensino superior e até da pós-graduação, é que os professores estão usando seus próprios recursos para ensinar. Eles estão usando o celular pessoal e a Internet. Isso é uma sobreposição do institucional em relação ao particular do professor. Outra diferença entre a educação a distância e esse ensino remoto, é que, no primeiro caso, há uma equipe multiprofissional que pensa na organização das aulas, roteirizando, filmando. Essa equipe é composta por profissionais da educomunicação, da mídia, do cinema, da tecnologia da informação e por vários outros especialistas, além dos professores. Desse modo, na educação a distância, existe aquele que faz a apresentação da aula roteirizada com a participação de professores, mas quem faz a

> apresentação às vezes nem é um professor. Mas alguém que sabe falar para as câmeras. Assim, nessa modalidade, existe todo um ambiente preparado pelos chamados ambientes virtuais de aprendizagem e há um trabalho em equipe multidisciplinar. Já no ensino remoto, como temos visto na Paraíba, em São Paulo e em outros lugares, o professor está na linha de frente fazendo sozinho um trabalho multitarefas. Ele tem que postar as aulas, tem que gravar, tem que disponibilizar para os alunos. Ao compararmos a educação com a saúde nesse momento de enfrentamento da pandemia, percebemos que a saúde, embora com algumas falhas, trabalha estruturadamente. Acompanhamos, por exemplo, aqui na Paraíba, chamadas para contração de profissionais como assistente social, auxiliar de farmácia, enfermeiro farmacêutico, fisioterapeuta, maqueiro, médico, nutricionista, psicólogo, técnico de enfermagem, recepcionista, digitador, cozinheiro, auxiliar de serviços gerais, dentre outras chamadas. Havendo assim, um trabalho em cadeia. Já na educação, a resolução do problema está sendo colocada nas mãos dos professores. Não vi chamadas para a educação para consertar os computadores da escola, disponibilizar smartphone para alunos e professores, construir plataformas de integração. A educação precisa de um trabalho conjunto tal como está acontecendo na saúde. Embora reconheçamos os limites dessa área também. O que aconteceu com a educação foi "lockdown". Fecha tudo. Todo os profissionais da educação foram para casa e algumas semanas depois o professor precisou dar aulas remotas. Quero deixar claro que a educação remota pode funcionar sim. Primeiro, como uma função socializadora da escola para manter os alunos entusiasmados para o retorno das aulas presenciais. Segundo, para divulgar a ideia de que a educação remota só vai funcionar se tivermos uma equipe do nosso lado, como por exemplo, profissionais da educomunicação, da TI, os nativos digitais, psicólogos, assistentes sociais. A gente precisa de um trabalho coletivo, senão o professor vai ser responsabilizado pelos fracassos da educação e isso não é justo. Do mesmo jeito que o médico não trabalha sozinho, o professor também não pode trabalhar. Ele precisa de uma equipe dando apoio ao seu trabalho.

2 O homeschooling ou ensino domiciliar é uma modalidade de ensino em que pais ou tutores responsáveis assumem o papel de professores dos filhos. De acordo com os números da Aned (Associação Nacional de Educação Domiciliar), mais de 7 mil famílias brasileiras ensinaram seus filhos em casa em 2018. Porém, no mesmo ano, a prática foi considerada ilegal pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Os ministros entenderam que por falta de regulamentação não era possível garantir às crianças o direito à educação. Então, em 2019 o poder executivo (defensora da educação domiciliar) encaminha um projeto de lei (PL 2.401/2019) ao Congresso Nacional regulamentando esse ensino. Atualmente, esse projeto está em tramitação. Nesse contexto, você acredita que o discurso sobre educação domiciliar ganha força no país nesse período de pandemia, ou se enfraquece diante das reais dificuldades aqui já apresentadas?

> Em primeiro lugar, é preciso entender que o que está acontecendo agora no país não é *homeschooling* e nem é educação a distância. O *homeschooling* assim como educação a distância tem um projeto, uma normativa e uma orientação. Não foi autorizado pelo Supremo Tribunal

Federal no Brasil, mas eu acho que esse discurso não está esvaziado. Eu suponho que quem estava no *homeschooling* continuou sem maiores problemas. Mas a grande dificuldade atualmente é construir uma rotina. Então imagino que quem estava pensando que o *homeschooling* era uma saída, pode ter ficado agora na dúvida porque não está sendo tão fácil. Em segundo lugar, ensinar é uma ciência. Ensinar não é uma atividade para qualquer pessoa. Como diversas outras atividades da sociedade, ensinar é uma ciência. Você precisa saber por onde começar, por onde caminhar e aonde você quer chegar. Os pais estão vendo nesse momento como é difícil ensinar conteúdo às crianças e adolescentes. Desse modo, acredito que o discurso do *homeschooling* foi afetado. Mas devemos esperar o tempo passar para saber se esse discurso ficará esvaziado. O que posso dizer é que o ensino remoto que está acontecendo agora afetou muito os filhos das classes trabalhadoras. Uma vez que se essas crianças estão em casa e os pais estão em algum trabalho considerado essencial, com quem essas crianças estão agora? E mesmo que os pais estejam em casa, qual é a formação deles para acompanhar esses filhos nas tarefas escolares? Diante disso, fica a certeza de que as classes trabalhadoras precisam mais do que nunca da escola. Acho que nesse sentido o nosso lugar como professores está sendo revisado e revalorizado.

3 Qual será o "legado" dessa pandemia para a educação brasileira? Você acredita que sairemos fortalecidos desse período ou sairemos ainda mais fragilizados, mostrando que a "crise da educação não é uma crise, é um projeto", como dizia Darcy Ribeiro?

Eu acho que nós vamos sair fortalecidos por que, não obstante as grandes dificuldades, o povo brasileiro é sempre muito criativo e muito inventivo. Nós estamos num momento em que as notícias de jornais começam a sinalizar as inúmeras dificuldades dos professores, das famílias e da sociedade nesse momento de isolamento social. Mas eu já estou aguardando nas próximas semanas as soluções criativas. Eu acredito que nós vamos sair fortalecidos sim e com soluções inventivas. Vamos ter que revisar a escola desde a educação infantil, o ensino superior e a pós-graduação. Não vai ser possível continuar fazendo as mesmas coisas do mesmo jeito. Evidentemente, há projetos de destruição dos bons legados da educação. Mas a educação no Brasil é uma fênix. Renasce sempre das cinzas. Nós temos excelentes professores nas escolas. Nós temos gestores engajados. Aliás, eu não penso numa polarização entre professores e gestores. Estes também passam por apertos tão grandes quanto os professores. Se apostarmos no trabalho em equipe multidisciplinar teremos boas saídas. Também devemos aproveitar esse momento para construirmos uma interlocução com as famílias. Elas devem ser chamadas para participar dessa virada da educação no país.

CC BY

PERGUNTAS DOS INTERNAUTAS

A escola pode oferecer com significado todo o conteúdo por meio exclusivamente eletrônico?

Se for Educação Básica, a resposta será, em princípio, não. Mesmo na experiência da sala de aula invertida, que é uma experiência muito comum nas metodologias ativas, nas escolas que lidam com tecnologia, o espaço presencial e a interação são de fundamental importância. Então, eu queria também chamar os colegas para a gente não pensar em termos de dicotomização: uma educação presencial que não use recursos tecnológicos ou uma educação a distância que não use o presencial. Talvez o grande legado desse momento que nós estamos vivendo seja aquilo que não é uma coisa ou outra, mas é uma coisa e outra juntas. Porém, se o sentido de escola envolve o Ensino Superior, a resposta é: pode ser em umas circunstâncias e outras não. Vejamos bem, a educação a distância, que é muito controversa, não é aceita por muitas áreas, mas é aceita por outras tantas, se utiliza muito da educação a distância e ela é bastante tecnológica com poucas situações de interação presencial. O que é incontornável, nesse momento, é essa junção do presencial com os recursos tecnológicos.

Como pensar a avaliação no contexto de ensino remoto?

Nesse momento de pandemia, todos os especialistas em Educação, no Brasil e no exterior, estão desaconselhando avaliação. Esse não é um momento para a avaliação. Eu li na semana passada um artigo de um dos gestores do teste PISA e ele falava sobre o contexto da Espanha. Ele acredita que o ano letivo de 2020 e 2021 serão afetados pela pandemia e os professores precisam ter um outro olhar sobre a avaliação. O foco era o contexto espanhol, mas eu acredito que isso é válido para o Brasil. Então, nesse momento, não é uma possibilidade que se use do ensino remoto para avaliação. Eu volto aqui a defender que isso que se está fazendo com o ensino remoto deve servir para reforçar a função socializadora da escola e não essa função avaliadora, queria deixar isso bem claro. Além disso, sabemos que um dos maiores medos dos professores em relação à avaliação a distância é que uma terceira pessoa pode entrar no lugar do aluno e fazer a atividade. Porém, tudo isso depende dos contratos que são formados, que são os chamados contratos didáticos entre professores e alunos. E, mesmo na educação presencial, a gente tem formas de burla na avaliação. Da mesma forma, a gente tem avaliações injustas no presencial e pode ter avalições injustas no remoto. Há uma dimensão humana nesses dois lugares. Então não há um lugar isento de problemas e outro com problemas. Eu não gostaria que a gente demonizasse, mas que a gente refletisse sobre o que a gente tem nesse momento para fazer e quais são as dificuldades que os professores estão enfrentando no uso desses recursos.

Essa pandemia trouxe à tona a necessidade de repensar a formação do professor?

Com certeza. Eu acho que essa pandemia está trazendo muitas lições no campo da saúde, da economia, da política e da educação. Nós vamos

precisar pensar a formação de professores para momentos emergenciais como este. Nós já sabemos da importância dessa temática na formação de professores pela descrição de escolas, de professores, relatos de experiências de escolas em zona de guerra e dos nossos professores que trabalham nas comunidades no Rio de Janeiro e em São Paulo, que são muito afetadas pelas milícias, pelo tráfico, pelo tiroteio com a polícia. Esses professores nos falam da escola como lugar seguro, a escola como lugar da esperança e da escola como a grande recontextualizadora do tema da violência. Então, a formação de professores precisará incorporar essa formação para trabalhar em tempos de emergência, porque, provavelmente, essa será uma pandemia e é possível que outras pandemias venham na sequência, não tão fortes como essa, mas, de alguma forma, a nossa vulnerabilidade se mostrou agora. Então, a formação de professores, sobretudo para usar a tecnologia, terá que ser uma formação diferente. Acho que é incontornável agora que os cursos de formação de professores utilizem em todas as disciplinas, não é uma disciplina sobre recursos tecnológicos, mas todas as disciplinas dos cursos de formação de professores discutam e utilizem os recursos tecnológicos que podem auxiliar a educação presencial e que podem ser utilizados, se necessário, de forma bastante engajada e com todo o respeito à dimensão humana, em uma educação remota.

A formação do professor, a partir desse período, vai trazer reflexões mais apuradas sobre o uso dos letramentos digitais?

Sem dúvida nenhuma. É preciso lembrar que a educação remota ou, por exemplo, ter uma sala de aula no *Google Classroom* ou um grupo no *Facebook*, não substitui a atuação do professor. Não é apenas para ficar passando atividades ou o professor mandar por e-mail uma lista de atividades, isso nem educação remota é, é um "arremedo do arremedo". Então, as notícias que me chegam de alunos, de coordenadores é que o professor está mandando lista de exercício para os alunos responderem. Ora, isso nem ensino remoto é. Cadê a parte da discussão do texto? Da apresentação da matéria? Cadê as formas de interação? O professor que está, simplesmente, usando o e-mail ou o *Google Classroom* para mandar listas de exercícios está em um modelo de educação muito antigo.

A data de aplicação do ENEM está mantida, até este momento, assim como a ideia de aplicação de um ENEM digital. Como você enxerga essa possibilidade de aplicação do exame esse ano?

Eu acho que, para este ano, é muito precipitado a gente falar em datas do ENEM para novembro. Neste momento, em maio, com as escolas ainda fechadas, as escolas particulares se adaptando a essa nova situação e as escolas públicas tentando correr atrás, eu acho isso extremamente arriscado. Hoje, eu não sei quem, me mandou uma publicação em que os alunos de Ensino Médio estão questionando o *slogan* do ENEM, que é "a vida não para". Ora, a vida não parou, mas ela está correndo em um ritmo diferente. Então não dá para você pedir do aluno, que estava ali com foco no ENEM com aulas presenciais, com professores e sua turma, ele que

> foi tirado de tudo isso, que se mantenha estudando com foco para o ENEM. É impensável pedir isso desses alunos. É desumano, até. É uma espécie de uma espada. Eu concordo com o que a Priscila Cruz disse no Roda Viva, não haverá prejuízo algum, ou prejuízos menores – não sei se a gente pode dizer prejuízo algum, mas prejuízos menores, se a data desse ENEM passar para a frente, para janeiro, para fevereiro. Eu entendo que o INEP precisa administrar a aplicação de provas para 5 milhões de alunos e isso não se improvisa, é uma logística que começa muito antes, mas falar agora das mesmas datas para novembro é uma espécie… eu não sei nem que expressão usar, não queria usar uma expressão muito forte, mas me parece - e é a única que está vindo à mente, se não for boa, me desculpem - uma espécie de genocídio educacional. Porque vai sobrepor uma carga emocional a esses jovens e aos professores fora de série. Pensar que você não teve aula em março, não teve aula em abril, em maio está se começando ter aula remota com todas as dificuldades e o ENEM previsto para novembro é assustador. Ratificar esse ENEM para novembro é mais ou menos dizer assim: olha, não precisa ter muita aula no terceiro ano não que está tudo bem e você faz ENEM de qualquer forma. Isso é muito arriscado, porque encurta um ano da formação escolar dos jovens e um ano a menos de escolarização tem consequências profundas para as vidas dos jovens, para a empregabilidade, para tudo. Um ano a menos de escola tem efeitos muitos danosos, se pensarmos na população. Para pessoas individualmente, é relativo, mas a gente não pode pensar em um ano a menos de escola para toda a população.

Os alunos da escola pública estão tendo dificuldades maiores de acesso ao ensino remoto. Como isso pode prejudicá-los?

> Os prejuízos já são muitos. Os prejuízos da interação, os prejuízos do lugar de estudo e, para algumas famílias, os próprios prejuízos da sobrevivência - a escola como um lugar que serve alimentação. Os prejuízos são incalculáveis. Eu estou preferindo, neste momento, pensar não no que é possível, mas no que é viável. O que é que a gente pode fazer para motivar os alunos para que eles vejam na escola uma importância, um lugar, uma finalidade, como é que a gente pode manter a autoestima desses jovens, desses adolescentes que estão sem muita coisa em um momento em que os próprios adultos estão um tanto perdidos. Eu prefiro pensar que há saídas que podem ser utilizadas para que esses jovens se mantenham motivados em voltar para a escola.

Após esse período de pandemia, você acredita que o ensino remoto pode se tornar uma tendência na educação brasileira?

> Eu não sei se o ensino remoto, porque os discursos, os depoimentos das famílias trabalhadoras, dos alunos é o de quanto a escola é importante. Acredito que a utilização de recursos tecnológicos como complementares à educação presencial vai se incontornável no retorno às aulas.

Muitos já falam em um ano perdido, você também acha que este ano está perdido?

CC BY

Não, não acho que o ano esteja perdido. Eu acho que o primeiro semestre está comprometido, mas o ano letivo não. Por exemplo, a Prefeitura de Campina Grande, na Paraíba, tomou uma decisão acertada e está mantendo as aulas paradas no mês de maio e está sinalizando o início em junho. Isso se nós conseguirmos, nas próximas três semanas, diminuir muito o número de casos da COVID-19 em Campina Grande, porque se nessas próximas três semanas houver uma reversão, e é isso que os números da pandemia apresentam, não sabemos como vai ficar. Eu acredito que nós teremos um ano letivo funcional entre agosto e fevereiro, vai ser diferente. Mas eu não acredito que o ano está perdido não, ainda não, pleno menos por enquanto.

Você acredita que educação remota é a efetivação de mudança, embora precária, que a educação tem tanto buscado?

Eu acho que é o momento de virada na educação. Eu não sei dizer como é que vai ficar, só sei dizer que não vai ser como era antes, por que nós vamos chegar diferentes na escola e os alunos também, não vai ser como era antes. Nós estamos no momento da virada.

Qual é a sua posição em relação ao ensino remoto na educação infantil?

É a área em que eu tenho menos experiência, mas eu acho que é extremamente difícil. Eu queria, inclusive, ouvir os professores da educação infantil, o que é que eles estão fazendo e como é que faz isso. Eu não sou a melhor pessoa para opinar isso, porque eu sei que a educação infantil precisa muito do presencial, da interação, do apoio e do concreto. Eu, sinceramente, não sei como é que os professores podem fazer isso. Eu prefiro nem opinar, porque a minha experiência é com o Fundamental II, Ensino Médio e o Ensino Superior. Mas quero lembrar que o CNE não autoriza o ensino remoto para a educação infantil. Também é importante reforçar que há estudos em Psicologia e em Neurologia que associam danos à capacidade cognitiva se a criança for exposta há muitas horas de atividade no mundo virtual. Há estudos sobre isso por conta da dissociação entre o real e do virtual. Então é muito difícil mesmo, acho que para a educação infantil é impossível, mas, enfim, há escolas colocando os professores para trabalharem. Nós vamos saber disso depois.

Quais são as possibilidades de trabalho a partir das discussões levantadas nesta live?

Eu queria que isto aqui se transformasse em um coletivo de trabalho. Os colegas professores de instituições de ensino superior comprometidos com a formação de professores e os professores da educação básica pudessem aderir a essa ideia de coletivo que o Projeto *Desengaveta* está chamando para esse momento. Acho que está nos chamando para se desengavetar de ideias antigas, se abrir para ideias novas, mas com o pé no chão, com reflexão sobre o que pode ser feito. Eu pensei em uma sugestão temática para os professores, muito a partir da ideia de tema gerador de Paulo Freire. Eu acho que a pandemia em si é o tema gerador

do momento. Acho que os professores, junto com os alunos, poderiam discutir esse tema. Fui pensando do Ensino Médio para baixo, como trabalho muito com Ensino Médio e Ensino Superior é mais fácil pensar soluções para esses níveis de ensino. Mas penso que, no Ensino Médio e mesmo no Ensino Fundamental II, dá para os professores de Biologia e Física abordarem a origem e a disseminação da doença. Os professores de Química podem nos ajudar a esclarecer a questão do tratamento, o que está sendo dito na televisão, mas não com a linguagem da escola. Então eu penso que os professores precisam fazer essa tradução para a escola. Os professores de Matemática precisam nos ajudar e ajudar os alunos a entender o que é a curva exponencial de crescimento da doença, qual a diferença para uma curva aritmética de crescimento. Essas duas diferenças são bem interessantes. O professor de História pode nos ajudar com a história das pandemias e seus legados, porque depois das pandemias, assim como das guerras, os legados são muito importantes, embora as muitas perdas. Os professores de Geografia podem nos ajudar a entender os locais da pandemia, os estratos sociais afetados. Os professores de Filosofia e os Psicólogos podem nos ajudar a fazer interpretação do evento e o nosso lugar no mundo nesse momento, como lidar com as emoções. Os professores de Sociologia podem nos ajudar a pensar a reinvenção do mundo de trabalho com a pandemia, assim como a crença em que alternativas que não sejam científicas vão resolver essa pandemia. Os professores de Artes podem nos ajudar a entender como a arte terapia ajuda a enfrentar a pandemia e aí os professores de Literatura têm um lugar muito especial junto aos professores de Artes, nos trazendo textos de literatura que tematizem isso. Os professores de Educação Física podem nos ajudar a entender os efeitos de ficar parado, sem atividade física, e os efeitos de fazer atividade física. Os professores de Inglês podem nos ajudar a entender esse vocabulário que se juntou ao nosso - *lockdown*, *on-line, offline, stay at home, live* -, tudo o que a gente está incorporando agora do inglês. E, por fim, acho que cabe aos professores de Português discorrer sobre a enunciação da pandemia e de como o sufixo "inho" associado à gripe, "gripezinha", desqualifica a pandemia nesse momento. Acho que os professores de Português têm um lugar muito especial para fazer a gente entender a diferença entre uma pandemia, a própria palavra pandemia já precisa ser entendida (o que é "pan"? qual é essa raiz? de onde vem? o que é que significa "endemia"?) e o que é que significa qualificar a pandemia de uma "gripezinha". Eu pensei de forma bem geral como esse tema gerador permitisse aos professores das várias áreas do Ensino Médio conversarem com seus alunos, fazendo valer essa função socializadora da escola nesse momento, mas sem perder o lugar da escola. Não é que o professor vai conversar de qualquer jeito, não é que o recurso seja usado de qualquer forma, mas é o professor conversar com os alunos sobre a pandemia a partir da linguagem da escola. A televisão, as redes sociais têm mostrado muita coisa, mas como isso pode ser dito e é dito na linguagem escolar - e aí só os professores podem fazer isso.

CC BY